



Palavras Sobre a Solidão no Fundo do Espelho¹

Francisco de Moura PINHEIRO²
Universidade Federal do Acre, Rio Branco, AC

RESUMO

Todas as vezes em que grandes feiras literárias são realizadas, seja no Brasil ou em qualquer outro lugar do mundo, surgem informações grandiosas no que diz respeito ao número de visitantes e ao montante de vendas realizadas. Números que podem levar a crer que o planeta ainda é um grande paraíso de papel. Mas existem outros números, os das estatísticas educacionais, que mostram uma realidade diferente: a de que se lê cada vez menos e de que o livro é um instrumento em franca decadência. Parte desse declínio de leitores é atribuída por estudiosos e teóricos da comunicação à emergência de uma cultura da imagem, transformada, com o passar do tempo, numa das principais intermediações do real que chega aos seres humanos. Tecer considerações sobre essa dicotomia entre a palavra impressa e a imagem é o principal objetivo desse artigo.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; educação; *homo videns*; imagem; leitura.

1. Introdução – Indicadores de leitura ou a graça da fé do que não podemos ver

Os números absolutos da 21ª Bienal do Livro de São Paulo, realizada no período de 12 a 22 de agosto de 2010, são impressionantes: 743 mil visitantes e quase 50 milhões de reais em livros vendidos. Números quase sete por cento acima da expectativa inicial dos organizadores. “Os dados indicam que a Bienal do Livro de São Paulo alcançou o objetivo de se consolidar como um grande evento cultural da Cidade de São Paulo e de democratizar ainda mais o acesso ao livro e à leitura”, garante um dos *releases* produzidos pela Assessoria de Imprensa do evento. (www.bienaldolivrosp.com.br).

Os dados colhidos durante o evento pelos pesquisadores do instituto Datafolha apontam ainda outros números que reforçam o sucesso da Bienal. Casos, por exemplo, da satisfação dos visitantes, com apenas 2% manifestando a intenção de jamais voltar à feira, e do 1% de pessoas que entenderam ter sido ruim ou péssima a experiência de

¹ Trabalho apresentado no DT 06 - Interfaces Comunicacionais - do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 01 a 03 de maio de 2013.

² Jornalista na Universidade Federal do Acre (UFAC) e doutorando em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: fdandao@gmail.com.



passar pelo local. E quanto à organização, a feira foi apontada como ótima ou boa por 76%; enquanto “21% a indicaram como regular; e 3% a qualificaram como ruim ou péssima” (www.bienaldolivrosp.com.br). Já em relação à avaliação do trabalho dos expositores, 95% consideraram ótima ou boa a variedade de livros disponíveis.

E vão além os dados do Datafolha, informando que 58% do público que visitou a Feira era formado por mulheres; que houve predominância de um público jovem (33% com até 25 anos; 33% de 26 a 40 anos; 25% de 41 a 55 anos; e 8% de pessoas com 56 ou mais anos); que as faixas de renda dos frequentadores variou de 3 a 20 salários mínimos; que o grupo profissional mais presente foi o de professores/educadores (20% do total); que mais da metade dos visitantes (58%) morava em São Paulo; e que para a maior parte (43%) das pessoas ouvidas, a sua motivação para a visita dizia respeito à “busca por conhecimento, cultura e gosto pela leitura” (www.bienaldolivrosp.com.br).

Mas o sucesso da 21ª Bienal do Livro de São Paulo não parou por aí. Terceira maior feira do mundo no gênero (atrás somente das de Frankfurt, na Alemanha, e Turim, na Itália), o evento brasileiro viu um multidão de pessoas consumirem os produtos culturais disponibilizados pela organização, o que, de acordo com o documento expedido pela assessoria de imprensa, foi uma interessante estratégia para “estimular o hábito da leitura entre os brasileiros e democratizar o acesso ao livro” (www.bienaldolivrosp.com.br). Preocupada com a formação de novos leitores, explica o *release*, a organização investiu R\$ 30 milhões na promoção e divulgação do evento.

A extensa, qualificada e democrática programação cultural oferecida pela Bienal do Livro em 2010 beneficiou crianças, jovens e adultos com mais de 1.100 horas de atividades. A feira homenageou este ano Monteiro Lobato e Clarice Lispector, além de ter como temas de destaque a Lusofonia e o Livro Digital. O Salão de Ideias, principal evento cultural da feira, por exemplo, teve lotação total em suas 40 mesas de debates com autores, especialistas e personalidades (...). Novidade na Bienal do Livro, o evento Cozinhando com Palavras promoveu 40 disputados workshops e debates sobre a boa cozinha e a gastronomia em livros, realizados sempre no Espaço Gourmet Sensações (...). As 13 mesas de debate do Território Livre promoveram animados bate-papos entre as personalidades convidadas e o público jovem. Em algumas das sessões, o Espaço Volkswagen ficou completamente lotado e também rodeado por dezenas de pessoas do lado de fora. (www.bienaldolivrosp.com.br)

Esse cenário materializado pela realização das edições das bienais brasileiras do livro (o texto traz informações sobre a Bienal de São Paulo, realizada em 2010, mas,



guardadas as devidas proporções, a do Rio de Janeiro, assim como feiras similares que acontecem anualmente no Brasil tem números semelhantes), provavelmente, demonstra o melhor dos mundos, no que diz respeito à leitura no Brasil, sinalizando para a existência de um povo de cultura elevada e alto poder de reflexão. Entretanto, os números da realidade fora do mundo das bienais e das feiras de literatura, assim como as conclusões dos especialistas no assunto, contestam esse admirável paraíso de papel.

“Os resultados dos indicadores de qualidade da educação brasileira no que tange à leitura são vergonhosos”, diz a doutora Rosângela Gabriel, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC – RS), num artigo intitulado “Por uma visão interdisciplinar da educação para a leitura”, apresentado no V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, realizado em Caxias do Sul, no mês de agosto de 2009. Ou então, de acordo com dados divulgados pelo Instituto Paulo Montenegro, no documento Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF / Brasil), em 2007, 7% dos brasileiros eram analfabetos, enquanto que 32% eram considerados analfabetos funcionais (www.smec.salvador.ba.gov.br), ou seja, indivíduos que, apesar de formalmente alfabetizados, não conseguem realizar a tarefa da decodificação.

Felipe Munhoz, no artigo “Pérolas do Vestibular” (www.mundovestibular.com.br), dá um exemplo prático dessa aversão e inabilidade dos brasileiros para a leitura, com a publicação de frases estapafúrdias e sem o menor nexos. Um conjunto de sentenças que provocam riso quando lidas sem o devido rigor analítico, mas que causam um profundo mal-estar quando vistas sob o ponto de vista do estudioso das questões educacionais. Alguns exemplos: “Antes de ser criada a Justiça, todo mundo era injusto”; “Os estuários e os deltas foram os primitivos habitantes da Mesopotâmia”; “A fé é uma graça através da qual podemos ver o que não vemos”; “As glândulas salivares só trabalham quando a gente tem vontade de cuspir”; “As plantas se distinguem dos animais por só respirarem à noite”; “O vento é uma imensa quantidade de ar”; “Os egípcios antigos desenvolveram a arte funerária para que os mortos pudessem viver melhor” etc. Um caos, por assim dizer!

2. Televisão e pós-pensamento

Que tipo de fenômeno seria esse que faz as pessoas lerem cada vez menos, a despeito de todos os esforços das autoridades educacionais para revertê-lo, e quais as



implicações para o futuro das relações sociais? Certamente são múltiplas as teses para responder as duas questões. Uma dessas teses, a do sociólogo Giovanni Sartori, ex-professor das universidades de Florença (Itália) e Columbia (Nova York), editorialista e colaborador do jornal *Corriere della Sera*, um dos protagonistas contemporâneos da cena cultural italiana e autor de livros como *Democracia: cosa é* (1993) e *Ingegneria Costituzionale Comparata* (1995), surpreende pelo tom apocalíptico, ao mesmo tempo que interessa aos estudos da comunicação pela carga de culpa atribuída à televisão.

Sartori, cuja argumentação em evidência encontra-se publicada no livro *Homo videns: Televisão e pós-pensamento* (Edusc, 2001), garante que, apesar de todo o processo revolucionário dos meios de comunicação de massa no qual a humanidade está mergulhada, cujos instrumentos de efetivação passam por variados canais (internet, computadores pessoais etc.), a característica do elemento catalizador é justamente a capacidade de ver o mundo passando à distância: “*tele-ver* – surgindo daí o nosso *vídeo viver*” (SARTORI, 2001, p. 7). Para Sartori, o vídeo vai aos poucos e progressivamente destruindo o *homo sapiens*, cujas ações foram delineadas pela cultura escrita. E ao destruí-lo, o transformaria no que ele chama no *homo videns* do título do livro.

(...) a palavra vem sendo destronada pela imagem. Tudo se torna visualizado. Mas, neste caso, o que vai acontecer com as coisas que não são visíveis, que constituem de fato a maior parte da realidade? Assim, enquanto nos preocupamos com os que controlam os meios de comunicação, não nos damos conta de que escapou do nosso controle o próprio instrumento em si. (SARTORI, 2001, p. 8)

Para Sartori há um deslocamento sobre a crítica que se costuma fazer ao veículo televisão. De modo geral, segundo o autor, os analistas se preocupam com a questão dos conteúdos que, na visão destes, estimulam a violência, com sua programação baseada em séries e filmes recheados de lutas, conflitos, perseguições em alta velocidade, tiroteios e mortes. Muitos dos analistas, inclusive, chegam a acusar a televisão de proporcionar uma espécie de retrocesso social, por conta não somente dos conteúdos violentos, mas também do mau processamento da informação. Segundo Sartori, isso é verdade, mas o mais importante é entender que a televisão está mudando a natureza do ser humano. Para ele, esse é o aspecto essencial, “que até hoje escapou da atenção da maioria das pessoas” (SARTORI, 2001, p. 8). Entretanto, continua Sartori, existem evidências cabais de que o mundo já se apoia, desde há algum tempo, nas idéias de uma



geração moldada pela televisão. “(...) uma espécie recentíssima de ser humano criado pela tele-visão – diante de um televisor – antes mesmo de saber ler e escrever” (SARTORI, 2001, p. 8).

Os argumentos apresentados por Sartori ao longo de *Homo videns – Televisão e pós-pensamento* são inúmeros, percorrendo um longo caminho, que vai desde a história do progresso tecnológico até a racionalidade dita pós-moderna. Para efeito deste artigo, entretanto, na impossibilidade de apresentar toda a argumentação, serão explicitados a seguir apenas três desses aspectos: a passagem da condição de *homo sapiens* para *homo videns*, o empobrecimento da compreensão e as respostas a algumas contra-argumentações à tese do autor. Mas não sem antes ressaltar o aviso de Giovanni Sartori de que ele mesmo entende não ter a ilusão de bloquear a era dos *multimídia*, da qual a televisão é parte integrante. Para Sartori, o desenvolvimento das telecomunicações é inevitável e, “dentro de certos limites, também útil na medida em que não nos levar a nos afundar na *vida inútil*, em uma maneira de viver que consiste apenas em matar o tempo (...)” (SARTORI, 2001, p. 9).

2.1 - **Homo sapiens – Homo videns**

O que determina a caracterização do ser humano como *Homo sapiens* é a sua capacidade de se desdobrar na linguagem. Ou seja, de se comunicar por meio da articulação de sons e de signos significantes. Mesmo que outros animais consigam se comunicar por meio de uma linguagem peculiar, essa forma de comunicação só se transmite por sinais. “E a diferença absolutamente fundamental é que o ser humano possui uma linguagem capaz de raciocinar a respeito de si próprio” (SARTORI, 2001, p. 13). E a linguagem, prossegue Sartori (2001, p. 13), “não é só um instrumento para ele se comunicar mas também para pensar. E para pensar não é preciso ver”.

Foi Lineu quem primeiro chamou a espécie humana de *homo sapiens*, na segunda metade do século XIX, quando da publicação da obra *Sistema da Natureza*. Mas somente depois, na definição de Cassirer, é que se entendeu que o homem é um animal simbólico, o que o torna único enquanto espécie vivente. Giovanni Sartori (2001, p. 11) faz referência às palavras de Cassirer para explicar que “o homem não vive dentro de um universo puramente físico, mas sim em um universo simbólico. Língua, mito, arte e religião (...) são os vários fios que compõem o tecido simbólico”. Por conseguinte, continua Sartori (2001, p. 12), “a expressão *animal symbolicum* abrange todas as formas da vida cultural do homem”.



Do ponto de vista da transmissão do conhecimento através da palavra, pode-se dizer que o grande salto tecnológico aconteceu com a invenção da imprensa, pelo alemão Johann Gutemberg, em meados do século XV. Até antes da invenção de Gutemberg, a transmissão da cultura e das tradições das sociedades acontecia por duas maneiras: via oral, o que dificultava sobremaneira essa difusão, principalmente quanto à questão dessa transmissão atingir grandes massas populacionais; ou através de livros que eram reproduzidos manualmente, o que também tornava esse suporte da palavra uma experiência rara, que só chegava às mãos de uns poucos privilegiados.

Na virada do século XVIII para o século XIX pode-se dizer que o progresso da reprodução das palavras mediante a imprensa atingiu o seu ponto alto, com a criação dos jornais diários. Pouco tempo depois, em meados do século XIX, os avanços tecnológicos na área das comunicações ganham ênfase com as invenções sucessivas do telégrafo e do telefone. São essas duas invenções que começam a permitir ao homem a comunicação direta a longas distâncias. Mas as novidades não iriam parar por aí. Em seguida deu-se a invenção do rádio, o primeiro grande difusor da mensagem, mas que não chegou a atingir a natureza simbólica da espécie humana. De fato, argumenta Sartori (2001, p. 15), “o rádio ‘fala’ e divulga sempre coisas expressas em palavras. E é por isso que tanto os livros e os jornais, como também o telefone e o rádio, são todos – analogamente – elementos portadores da comunicação linguística”. Mas o futuro – meados do século XX – traria à lume a televisão e, por conseguinte, a ruptura do sistema de comunicação unicamente linguístico.

A televisão – como diz o próprio nome – consiste em ‘ver de longe’ (*tele*), e, portanto, levar à presença de um público de espectadores coisas para ver, quer dizer, visualmente transmitidas de qualquer parte, de qualquer lugar e distância. E na televisão o fato de *ver* predomina sobre o falar, no sentido de que a voz ao vivo, ou de um locutor, é secundária, pois está em função da *imagem* e comenta a imagem. É por causa disso que o telespectador passa a ser mais um animal *vidente* do que um animal simbólico. Para ele as coisas representadas por meio de imagens passam a contar e pesar mais do que as coisas ditas por palavras. (SARTORI, 2001, p. 15-16)

Pela tese do sociólogo Giovanni Sartori, a televisão proporciona uma virada substancial de direção na vida do homem simbólico, ao afastá-lo do convívio mais íntimo das palavras, pois enquanto esta capacidade distancia o *homo sapiens* do animal,



o predomínio da visão trata de reaproximá-lo outra vez das suas capacidades antigas, ou seja, “ao gênero do qual o *homo sapiens* é a espécie” (SARTORI, 2001, p. 16).

2.2 – Empobrecimento da compreensão

O pressuposto básico aqui é o de que as palavras articuladoras da linguagem humana não passam de símbolos evocadores de representações. Neste sentido, se poderia dizer que elas (as palavras) podem ser divididas em duas grandes classes: aquelas que evocam coisas concretas e aquelas que evocam abstrações

Na primeira categoria (as que evocam coisas concretas) estão aquelas que ao serem pronunciadas (ou pensadas) detonam uma ligação com alguma forma. Se alguém diz “relógio”, por exemplo, isso dispara mentalmente no indivíduo que disse, assim como no que escutou, uma determinada forma relativa ao signo verbal.

Já na categoria das palavras que evocam abstrações, não existe nenhuma exata correspondência com algo visível e ao qual, seja qual for o seu significado, não pode ser referida em uma imagem. “Assim, por exemplo, a palavra cidade, corresponde ainda a algo visível; mas nação, Estado, povo, soberano, burocracia (...) não representam nada visual” (SARTORI, 2001, p. 32). E mais: os conceitos representados por essas palavras são nada mais do que abstrações elaboradas “por processos mentais dedutivos, que representam entidades construídas pela nossa mente” (SARTORI, 2001, p. 32).

Nesse sentido de palavras que evocam concretudes ou abstrações, para que se possa estabelecer uma ligação entre o passado e o presente da humanidade, convém lembrar que na linguagem dos povos primitivos predominavam as palavras concretas. “Por isso, embora isso possibilite a comunicação, revela todavia pouquíssima capacidade científico-cognitiva” (SARTORI, 2001, p. 32). Os povos considerados avançados, ao contrário dos primitivos, chegaram a essa condição, sempre no dizer de Sartori (2001, p. 32), porque “adquiriram uma linguagem abstrata – que ao mesmo tempo é uma linguagem de construção lógica – possibilitando o conhecimento analítico-científico”.

Em suma, e sintetizando: todo o saber do *homo sapiens* se desenvolve na dimensão de um *mundus intelligibilis* (de conceitos e de concepções mentais) que não é de modo algum o *mundus sensibilis*, o mundo percebido pelos nossos sentidos. Por isso, a questão consiste no fato de que a televisão inverte o progredir do sensível para o inteligível, virando-o em um piscar de olhos (*ictu oculi*) para um retorno ao puro e simples. Na realidade, a televisão produz imagens e apaga os conceitos; mas desse modo atrofia a nossa capacidade de abstração e com ela



toda a nossa capacidade de compreender. (SARTORI, 2001, p. 32-33)

Sartori fecha a sua argumentação sobre o tema “empobrecimento da compreensão” chamando o filósofo alemão Immanuel Kant para o debate, ressaltando o que este entendia a idéia como “um conceito necessário da razão ao qual não pode haver nos sentidos nenhum objeto correspondente (...)” (SARTORI, 2001, p. 33). Portanto, continua a citação de Kant, “o que nós vemos e percebemos concretamente não se insere nas idéias (ou conceitos) que o classificam ou significam” (SARTORI, 2001, p. 33). Para Sartori, aqui está o cerne da questão, uma vez que ele entende ser justamente esse o processo que vem sendo “atrofiado quando o *homo sapiens* é suplantado pelo *homo videns*” (SARTORI, 2001, p. 33).

2.3 Possíveis réplicas e trélicas

Para toda essa argumentação de Giovanni Sartori, entretanto, do empobrecimento da compreensão e conseqüente passagem do *homo sapiens* para o *homo videns*, existe uma série de contra-argumentações, levantadas pelo próprio autor.

Uma delas, a de que toda a tecnologia nova encontra pela frente uma legião de detratores e que estes depois são convencidos de que estavam enganados. Mas a esta contra-argumentação, Sartori diz que ela não traduz uma verdade absoluta, uma vez que ninguém detraiu o telégrafo, nem o telefone ou, muito menos, o rádio. Com relação a este último, inclusive, ao contrário de vozes discordantes ou desconfiadas, o que de fato aconteceu foi um estarecimento generalizado. “Portanto, responder apelando para detratores inexistentes é uma maneira de responder que extrapola o problema proposto” (SARTORI, 2001, p. 34).

Outra contra-argumentação é a de que deve-se aceitar os fatos quando eles se configuram inevitáveis. Sartori concorda que o advento da televisão e dos multimídias é, de fato, inevitável. Mas discorda que se deva aceitar cegamente esse inevitável. Como exemplo de que nem sempre se deve aceitar o inevitável sem combater o seu lado negativo, Sartori lembra que a questão da poluição que assola o homem contemporâneo é um dos efeitos induzidos, embora não previstos, pela Revolução Industrial. Mas, apesar de ninguém imaginar como se poderia viver sem os benefícios desta, é certo que todos combatem os seus efeitos danosos. “Ninguém pode deter o progresso tecnológico,



mas nem por isso devemos deixá-lo escapar do nosso controle e nos submeter servilmente à rendição” (SARTORI, 2001, p. 35).

Uma terceira contra-argumentação, talvez a mais marcante de todas, é a de que não existe oposição entre palavra e imagem. Em sentido diametralmente oposto ao que advoga Sartori, os defensores dessa idéia garantem que a junção das “compreensões” por meio de conceitos e por meio da visão se combina em um resultado altamente positivo. Em vez de se oporem, elas se fortalecem e convergem para um ponto comum, sem prejuízo de nenhum dos lados. A tese destes é a de que a cultura escrita e a cultura audiovisual se fundem para o que Sartori chama de “síntese virtuosa”, para em seguida chamar a atenção para a realidade dos fatos, afirmando que estes desmentem a afirmação de que o *homo sapiens* e o *homo videns*, de fato, estejam convergindo para um ponto beneficemente comum. “Na realidade, a relação entre os dois é uma ‘soma negativa’ (como em um jogo em que todos saem perdendo)” (SARTORI, 2001, p. 36). E para completar seu raciocínio, de forma cabal, Sartori (2001, p. 36) arremata dizendo que “o dado principal, de fato, é que o homem que lê está em rápida queda, quer se trate do leitor de livros como também o leitor de jornais”.

Estadísticas a parte, a questão continua sendo que a imagem, por si, não oferece quase nenhuma inteligibilidade. A imagem deve ser explicada; e a explicação da imagem que é dada no vídeo é constitutivamente insuficiente. Se no futuro passar a existir uma televisão capaz de explicar melhor (mas muito melhor), então a discussão a respeito de uma integração positiva entre *homo sapiens* e *homo videns* poderá ser reaberta. Mas, de momento, continua sendo verdade que não há integração, mas sim diminuição, isto é, que o ver está atrofiando o compreender. (SARTORI, 2001, p. 36-37)

E por último desse rol de respostas ao que propõe Sartori, a argumentação de que o empobrecimento da compreensão, se é que existe, estaria plenamente compensado pela amplitude da mensagem veiculada pela televisão, acessível a todas as pessoas, indistintamente. Esse seria um elogio basicamente disseminado pelos que acreditam que o saber adquirido pelas imagens é democrático, ao contrário do saber adquirido pelos conceitos, que traria em si toda uma carga de elitismo. Mas Sartori descarta esse argumento, explicando que “um progresso que é apenas quantitativo, implicando um retrocesso qualitativo não constitui um progredir na acepção positiva do termo” (SARTORI, 2001, p. 37). E completa, afirmando que “um saber adquirido só com



imagens não é um saber no sentido cognitivo do termo e que, mais do que difundir, corrói os pressupostos do próprio saber” (SARTORI, 2001, p. 37).

3. Outras vozes

Norval Baitello Junior, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de Berlim e professor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), é outra voz interessante de se ouvir no que diz respeito à preponderância da comunicação pela imagem, cuja proliferação teria sido proporcionada pela reprodutibilidade técnica, mas cuja rápida distribuição mundial “somente foi possível pela eletricidade e pela eletrificação da quase totalidade das superfícies habitadas do planeta” (BAITELLO, 2010, p. 71). Na argumentação de Norval Baitello Junior, com o advento da eletricidade, o sistema de transporte de sinais sofre uma verdadeira revolução. A partir desse novo fato, os suportes materiais até então usados para o transporte de sinais não são mais absolutamente necessários.

Vivemos hoje, portanto, em tal medida na era das imagens produzidas pela eletricidade, pela mídia elétrica ou terciária, que Vilém Flusser a aponta como advento de uma terceira catástrofe do homem, ao lado da hominização (*Menschwerdung*), com a descida às savanas e a vida nômade, e da civilização, com os assentamentos em aldeias, com a domesticação e criação de animais e a agricultura. (BAITELLO, 2010, p. 71)

Essa possibilidade de proliferação da mensagem proporcionada pela eletricidade fez com que a civilização da imagem, cujos primórdios se deram por intermédio das religiões, e que, num segundo momento, foram expandidos pelo advento da escrita, em ampla medida tornasse dispensável o processo de alfabetização. Na retomada da imagem, explica Baitello (2010, p. 72), “como grande e universal linguagem (e, portanto, sistema de vinculação social), há igualmente uma regressão aos sistemas arcaicos, anteriores à escrita alfabética (...)”. Com isso, dado esse novo modelo de disseminação da mensagem, uma das consequências é a suspensão dos investimentos em alfabetização. E como uma consequência traz outra, “países que lograram erradicar o analfabetismo, vêm-se hoje às voltas com o fenômeno do neoanalfabetismo crescente em algumas camadas de sua população” (BAITELLO, 2010, p. 72).



O raciocínio desenvolvido por Norval Baitello Junior envereda pelo caminho de que mesmo uma população que um dia foi plenamente (ou quase) alfabetizada, “em razão da avassaladora iconização do meio ambiente cultural e dos meios de comunicação” (BAITELLO, 2010, p. 72), hoje se encaminha rápida e progressivamente para o desaprender dessa habilidade. E isso é fácil de se notar, quando se analisam dados estatísticos que apontam para uma queda acentuada de publicações cujos textos se traduzem por uma maior densidade, ao tempo em que, paralelamente, sobe a tiragem de tablóides sensacionalistas “que não requerem a habilidade da leitura de textos, mas apenas manchetes, chamadas, legendas e naturalmente ícones de variada tipologia, desde ícones e heróis de cinema, da TV e do esporte, até imagens fotográficas” (BAITELLO, 2010, p. 72).

É importante destacar, por último, ainda seguindo o pensamento de Norval Baitello Junior, que ambientes de imagens não são uma característica recente na história cultural da humanidade. Qualquer escavação arqueológica demonstra como elas estão profusamente presentes, desde tumbas egípcias de épocas milenares até em cavernas ocupadas por povos primitivos, situadas em qualquer parte da Terra. “(...) Os registros em cerâmicas ou em relevos em distintos pontos do mundo e diversas culturas atestam que o homem já convive de longa data com ambientes de imagens” (BAITELLO, 2010, p. 84). O que se revela relativamente novo, entretanto, é a escalada do domínio das imagens, que acarreta, como parece absoluta e totalmente comprovado, uma “visível perda progressiva da escrita em favor de ícones” (BAITELLO, 2010, p. 84). Uma iconização tida como amigável, no dizer de Baitello (2010, p. 84), por revelar (ou desvelar) “o alto custo e a dificuldade de inclusão que caracterizaram a era da escrita, por ter exigido (e ainda exigir) longo tempo de aprendizagem bem como altos custos monetários” (BAITELLO, 2010, p. 84). Sendo lenta a civilização da escrita, explica Baitello Junior, isso faz com que o avanço das imagens seja cada vez mais acelerado.

E ainda outra voz igualmente interessante e esclarecedora com respeito a esse tema da sobreposição da imagem em relação à palavra é a do jornalista Luís Mauro Sá Martino, doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e autor, entre outros, dos livros *Mídia e poder simbólico* (Paulus, 2003), *Comunicação: troca cultural?* (Paulus, 2005), *Teoria da Comunicação* (Vozes, 2009) e *Comunicação e identidade – Quem você pensa que é?* (Paulus, 2010).

Na argumentação desenvolvida por Luís Mauro Sá Martino, a dicotomia não se situa, necessariamente, entre *homo sapiens* e *homo videns*, mas entre este último e o que



ele chama de *homo typographicus*, fazendo eco às palavras de Herbert Marshall McLuhan, para quem a referida espécie nasceu a partir do surgimento da imprensa, caracterizando-se pela “dependência do conhecimento impresso como forma máxima de conhecimento, estruturação prática do ‘correto’ e ‘legítimo’” (MARTINO, 2010, p. 167). Sendo dependente da palavra escrita, o *homo typographicus* torna singular o ato do conhecimento, fazendo com que o saber passe a ser contabilizado pela publicação deste.

O ‘público-leitor’ torna-se uma categoria política criada na dependência da palavra impressa que o alimenta, e seria possível argumentar que o *homo typographicus* é um *zoon politicon*, o animal político, dependente de uma razão impressa, para se afirmar como parte atuante de um *logos* sobre a *polis*. A política, mediatizada na palavra ainda na retórica, encontra sua palavra ampliada na impressão, e a percepção do mundo social é estruturada na literatura, especialmente na novela, no romance e no jornal. (MARTINO, 2010, p. 168)

Mas essa era uma nova espécie que não duraria hegemonicamente para sempre. O seu contraponto viria à lume no século XIX com o nascimento da fotografia. Naturalmente, naquele momento, ainda não ameaçava o *homo typographicus*, porém pode-se dizer que a partir daí estaria alterado para sempre a relação entre o ser humano e a realidade. “A imagem dissemina-se por todos os lugares, tornando-se onipresente a partir da segunda metade do século 19” (MARTINO, 2010, p. 169). E mais do que isso, a imagem passa a dar mesmo validade ao real: “(...) na tela em movimento, na página da revista, no cartaz publicitário, a força do convencimento da imagem a torna garantia da realidade” (MARTINO, 2010, p. 169).

No espaço de menos de meio século, a fotografia e o cinema transformam a imagem em uma das principais possibilidades de intermediação do real que chega a cada ser humano, agora também denominado por Martino de *homo videns*. Com a invenção da televisão, naturalmente, essa predominância da comunicação visual aumentou ainda mais a sua força, principalmente levando-se em conta a facilidade de receptores à disposição das pessoas. A imagem, salienta Martino (2010, p. 169), citando Daniel Boorstin, se tornou “o principal mediador das atividades humanas, conquistando o espaço que até então pertencia à escrita”. Conquista essa fundamentada principalmente numa diferença de percepção. É que enquanto a escrita necessita dos fruidores a habilidade do domínio de um código específico, a imagem, por sua vez, pode ser compreendida de maneira diferente, bastando o sentido natural da visão. Por



conta disso, “mensagens dotadas de um código visual tendem a ser mais universalizáveis do que sua contrapartida escrita” (MARTINO, 2010, p. 170).

4. Considerações finais – O fim da palavra escrita ou a trilha de volta para o futuro

Sobre todos os aspectos, este é um artigo rigorosamente inconclusivo. Limita-se basicamente a chamar a atenção (como tantos outros certamente já o fizeram), usando dados do sistema educacional brasileiro, para o problema aparentemente crônico do analfabetismo, ao tempo em que tenta fazer uma vinculação do referido flagelo (matéria veiculada no jornal *O Estado de São Paulo*, edição do dia 10 de julho de 2011, dá conta que ainda são quase 14 milhões de brasileiros que não sabem ler e escrever) com os modelos comunicacionais predominantes numa época dita pós-moderna. O desinteresse pela leitura é uma realidade que nem os números grandiosos (tanto de visitantes quanto de vendas) das feiras sazonais de livros consegue apagar. E muito desse desinteresse parece visceralmente ligado ao fato de que se vive uma época de primazia da imagem.

O três estudiosos consultados para a produção deste texto - Giovanni Sartori, Norval Baitello Junior e Luis Mauro Sá Martino - percorrendo caminhos peculiares, chegam à mesma conclusão de que a imagem vem desde há algum tempo substituindo de forma avassaladora o processo de comunicação escrita. Uma conclusão fácil de ser comprovada. Basta, por exemplo, um “olhar” menos “distraído” de qualquer pessoa em torno de si mesma, para que se perceba o quanto a “realidade” cotidiana se reveste de códigos visuais, em detrimento (ou em “desuso”) do código escrito. Ou então, um mergulho no emaranhado de números percentuais das estatísticas de analfabetos (plenos ou funcionais) nos diversos países do mundo. Ou então, ainda, nas linhas que saem das redações de grande parte dos candidatos a vagas nos cursos de educação superior.

A diferença de raciocínio entre Giovanni Sartori, Norval Baitello Junior e Luis Mauro Sá Martino é apenas de percurso e no aspecto das perspectivas de futuro.

No que diz respeito a esse percurso, Sartori traça uma longa trajetória, desde o *homo sapiens* (criatura capaz de se desdobrar na linguagem), de Lineu, passando pela condição de “animal simbólico” (por não viver num ambiente puramente físico) proposta por Cassirer, até chegar ao *homo videns*. Em Baitello, por sua vez, o que fica mais evidente é a questão do suporte (a eletricidade) para essa transformação de “*sapiens*” em “*videns*” da proposta de Sartori. Enquanto isso, para Martino, o percurso



começa com a invenção da escrita, a partir da qual nasce o *homo typographicus* (dependente da palavra impressa), na expressão de McLuhan, e chega ao século XXI com o pleno domínio da imagem e com o conseqüente advento do denominado *homo videns* (quase totalmente desvinculado do saber letrado).

Quanto às perspectivas de futuro, Sartori e Baitello têm um pensamento semelhante. Para ambos o futuro é sombrio. Para o primeiro, a partir da predominância das mensagens visuais, o homem vem perdendo a sua capacidade de abstração, tornando-se, conseqüentemente, “incapaz de racionalidade e, portanto, um animal simbólico que não está mais em condição de sustentar, e muito menos de alimentar o mundo construído pelo *homo sapiens*” (SARTORI, 2001, p. 135). Já para Baitello, a terceira catástrofe já está instalada, tornando as casas inabitáveis, “por estarem esburacadas e permeáveis aos ventos da mídia” (BAITELLO, 2010, p. 113). E embora essa catástrofe ainda não tenha nome, “já impele o homem ao retorno à vida nômade, já não o deixa mais em sua proteção (...)” (BAITELLO, 2010, p. 113).

Já para Luis Martino, o futuro aponta para um ser humano diferente, mas não do ponto de vista biológico, mas sim para o que o referido autor chama de *upgrade* para alguma coisa tecnológica. “A comunicação parece ser o avanço mais significativo na transformação do ser humano para algo além dele” (MARTINO, 2010, p. 172). Um processo de mudança que parece ter ficado mais claro a partir da disseminação do computador pessoal e da liberação comercial da internet. Confluência essa, de computador pessoal e internet, que pode significar, eventualmente, de acordo com Martino (2010, p. 171) “a convergência do *homo videns* e do *homo typographicus* em algo novo, que alguns autores já não incluem sequer no filo *homo*, mas desde que se configuram como a apresentação de um pós-humano no filo *cyber*” (MARTINO, 2010, p. 171).

Por fim, considerando-se a convicção de que não é possível ver o que se aproxima quando se faz algum tipo de previsão, pode-se inferir que o máximo que este artigo pode sinalizar é a direção na qual o presente se afasta. Independentemente, porém, do que venha a acontecer num futuro próximo (se o homem, atingido na sua natureza de *homo sapiens/typographicus*, regredirá ao estágio das suas capacidades ancestrais, ou se dará um salto para a categoria *cyber*, delineada pela perspectiva do pós-humano), o que parece evidente é que a batalha entre a palavra impressa e a mensagem visual parece definitivamente perdida para a primeira. “As imagens passam a



ser os nossos interlocutores, os parceiros na solidão a qual nos condenaram” (FLUSSER, 2008, p. 60).

5. Referências bibliográficas

- BAITELLO JUNIOR, Norval. **A serpente, a maçã e o holograma**: esboços para uma teoria da mídia. São Paulo : Paulus, 2010.
- BIENAL DO LIVRO 2010. Assessoria de Imprensa. **Número de visitantes da Bienal do Livro 2010 chega a 743 mil; vendas de livros movimentam R\$ 49 milhões no evento.** www.bienaldolivrosp.com.br, acessado em 4 de julho de 2011.
- FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo : Annablume, 2008.
- GABRIEL, Rosângela. **Por uma visão interdisciplinar da educação para a leitura**. Artigo. www.uces.br, acessado em 4 de julho de 2011.
- INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Indicador de Alfabetismo Funcional.** www.smecc.salvador.ba.gov.br, acessado em 4 de julho de 2011.
- LEAL, Luciana Nunes. **País tem de alfabetizar 3,5 milhões de adultos para cumprir meta da ONU.** Jornal *O Estado de São Paulo*, www.estadao.com.br, acessado em 10 de julho de 2011.
- MARTINO, Luis Mauro Sá. **Comunicação e identidade**: quem você pensa que é? São Paulo : Paulus, 2010.
- MUNHOZ, Felipe. **Pérolas do vestibular**. Artigo. www.mundovestibular.com.br, acessado em 4 de julho de 2011.
- SARTORI, Giovanni. **Homo videns**: televisão e pós-pensamento. Bauru : Edusc, 2001.